

OBSESSORES E A AUTORREFORMA MORAL



Um aprendiz do Evangelho

Onde tiveres o teu tesouro aí estará seu coração.

(Jesus Cristo)

Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará.

(Jesus Cristo)

Reconhece-se o verdadeiro espírita pelo empenho que emprega para domar suas más tendências.

(Allan Kardec)

ÍNDICE

Introdução

1 – Conceito de obsessão

1.1 – Obsessão dolosa

1.2 – Obsessão culposa

1.2.1 – Imprudência

1.2.2 – Negligência

1.3 – Obsessão involuntária

2 – Obsessores

2.1 – Obsessores encarnados

2.1.1 – Cônjuges obsessores

2.2 – Obsessores desencarnados

2.3 – Os defeitos morais

2.3.1 – Orgulho

2.3.2 – Egoísmo

2.3.3 – Vaidade

3 – Nós somos obsessores?

3.1 – A autoanálise

3.2 – O arrependimento

3.3 – A reparação

3.4 – A mudança de vida

3.4.1 – Exemplo de ex-obsessor

3.4.1.1 – Paulo de Tarso

4 – A autorreforma moral

4.1 – A aquisição das virtudes

4.1.1 – Humildade

4.1.2 - Desapego

4.1.3 – Simplicidade

5 – Jesus: o Modelo Perfeito

6 – Pessoa menos sujeita a obsessão

7 – Referência do livro “Luz em Gotas”

8 – Onde o homem tiver o seu tesouro...

Conclusões

Notas

INTRODUÇÃO

Nabucodonor II [1] viveu perseguido por inimigos espirituais, que lhe impunham torturas mentais cruéis, tornando-lhe a vida um verdadeiro rosário de sofrimentos. Saul [2] vivenciou terrível processo obsessivo. Davi [3], depois de ter providenciado a morte de um soldado para tomar-lhe a esposa, passou a ser assediado pela vítima desencarnada. Em suma, a História registra inúmeros casos de obsessão, inclusive Jesus libertou dos seus obsessores um jovem gadareno.

Não há nenhum “salvo conduto” milagroso contra a obsessão, protegendo-se alguém da influenciação mental negativa de outrem, encarnado ou desencarnado em desajuste moral, a não ser quando passamos a vibrar em uma faixa mental superior à daquele. Bezerra de Menezes, quando ainda encarnado, tinha um adversário espiritual odiento, que, não conseguindo alcançá-lo com sua vingança, devido à superioridade espiritual do dedicado discípulo do Cristo, obsidiava-lhe o filho, o qual ainda não tinha realizado a autorreforma moral, que funcionaria como escudo mental que o protegeria da virulência do antigo desafeto.

Todos os Espíritos, com exceção de Jesus, que seguiu uma trajetória evolutiva retilínea, têm pelo menos um adversário, que guarda algum motivo de queixa, muitas vezes não por falta cometida na presente encarnação, mas em tempos passados, quando suas eventuais virtudes ainda eram menos desenvolvidas. Divaldo Franco conta sobre a perseguição que, na presente encarnação, sofreu durante mais de trinta anos da parte de um desafeto, que lhe guardou ódio por um episódio ocorrido há mais de trezentos anos.

Se a Espiritualidade Superior permite que tais perseguições ocorram tal ocorre com uma finalidade pedagógica para todos os envolvidos: no caso de Divaldo, aquele Espírito funcionou como “fiscal rigoroso” sobre a conduta do missionário, indiretamente obrigando-o a não

falhar na sua tarefa no Bem, e acabou beneficiando-o, pois, sob aquela vigilância constante do perseguidor, consolidou mais ainda suas virtudes e mais obras nobilitantes realizou. É como acontece ao aluno cobrado por um professor exigente e rude.

A obsessão provoca muitos sofrimentos, constituindo-se em verdadeira provação para quem a sofre, no entanto, cumpre à atual vítima seguir adiante até que a Justiça Divina, que também leva em conta o Amor e a Caridade, a libere da sanha do algoz.

Há obsessores encarnados e obsessores desencarnados, devendo ser considerados como tais todos aqueles que fazem o Mal aos demais irmãos e irmãs em humanidade. Todavia, uma das questões postas à nossa reflexão neste estudo é a seguinte: - Nós somos obsessores? Porque, na verdade, somente com a autoanálise sincera teremos resposta a essa indagação, pois nossa tendência é atribuir as iniciativas do Mal apenas aos outros, mas nunca a nós mesmos.

O desenho da capa tenta simbolizar a opacidade e até as trevas que permeiam o perísprito de quem se liga ao Mal, fazendo-se impermeável às tentativas de influência positiva dos Espíritos Superiores.

Reflitamos neste tema, pedindo ao Pai Celestial que nos dê forças para combatermos nossas más inclinações a fim de sermos bons espíritas e nunca obsessores.

Um aprendiz do Evangelho

1 – CONCEITO DE OBSESSÃO

Obsessão significa de qualquer forma, propositadamente ou não, fazer o Mal aos nossos irmãos e irmãs em humanidade, o que pode acontecer pelas ações bem como pelo pensamento ou deixando-se dominar por sentimentos negativos em prejuízo de outrem, pois sabemos do poder criador dos pensamentos e sentimentos, sendo que o próprio Divino Mestre foi claro nesse sentido ao afirmar a gravidade dos pensamentos malsãos, quando, por exemplo, afirmou que “todo aquele que olhar para uma mulher cobiçando-a já cometeu adultério com ela no seu coração”, mencionando o adultério apenas como um exemplo, dentre muitos, quanto ao rol de infrações às Leis de Deus por pensamentos ou sentimentos e não somente por ações.

O mal pensado, sentido ou feito em uma única oportunidade não caracteriza a obsessão, mas é necessário que persista, prejudicando a vítima, esta que, se não se livrar logo da influência negativa, pode sofrer graves prejuízos físicos, psíquicos ou outros, algumas vezes até irreparáveis, por isso sendo necessário estarmos sempre vibrando numa faixa mental elevada, pois os inimigos encarnados ou desencarnados costumam estar atentos e querem nos fazer sofrer tanto quanto sofrem por conta dos seus defeitos morais.

Na sequência deste estudo abordaremos sua prevenção ou cura, de acordo com o caso.

1.1 – OBSESSÃO DOLOSA

Dolo é a intenção consciente de fazer o Mal. Há encarnados e desencarnados que se propõem a prejudicar seus semelhantes, principalmente aqueles que lhe causaram algum dissabor ou prejuízo, querendo vingança ao invés de perdoarem-lhe ou simplesmente ignorarem-lhe o malefício.

Os Espíritos Superiores nunca devolvem o Mal com o Mal, mas seguem adiante, fazendo sempre o Bem, mesmo que isso seja possível apenas pelo pensamento ou pelo sentimento. Já os Espíritos que não realizaram a autorreforma moral entendem que vingando-se estarão aliviando seu próprio sofrimento, no que se enganam, pois o agravam.

Há também aqueles que perseguem e, se possível, prejudicam gratuitamente a outrem, que nunca lhes fez nada de Mal, simplesmente porque, na sua estreiteza de visão moral, lhes apraz o Mal. Por exemplo, Jesus sofreu perseguições e terminou sua trajetória missionária na cruz por iniciativa de Espíritos contrários ao Bem e ao Progresso da humanidade, sem que Jesus nunca lhes tivesse feito qualquer malefício.

“Cada um dá o que tem”, ou seja, cada Espírito irradia de si o que traz no seu interior, de bom ou de mau.

Ao mesmo tempo que devemos auxiliar os moralmente mais primitivos que nós próprios, convém tomar cuidado com eles, pois o próprio Divino Mestre aconselhou a prudência no trato com os maus. Aliás, o próprio bom senso assim recomenda, pois a Natureza não dá saltos e a evolução é gradativa, inclusive a evolução moral. “Não dar pérolas aos porcos” não significa deixar de dar-lhes os alimentos compatíveis para sua sobrevivência e a sustentação da sua saúde.

1.2 – OBSESSÃO CULPOSA

No vocabulário jurídico a culpa é menos grave que o dolo, pois, se o primeiro representa a intenção de fazer o Mal pelo Mal, a segunda se traduz, digamos, na irresponsabilidade, na falta de consideração para com os semelhantes, no não nos importarmos se nossos pensamentos, sentimentos ou ações estão prejudicando os outros. Consideraremos, para efeito deste estudo, apenas duas das três modalidades da culpa.

1.2.1 – IMPRUDÊNCIA

Imprudência significa pensarmos, sentirmos ou agirmos com excesso de autoconfiança, acabando, todavia por causar danos a terceiros. Quantas vezes, por orgulho, egoísmo ou vaidade, mesmo sem querer prejudicar os outros, ocasionamos dissabores a pessoas que deveríamos preservar dessas situações desagradáveis.

Nossa consciência, quando realizamos a autoanálise, nos mostra todas as ocasiões em que procedemos de forma temerária e os outros acabaram sofrendo as consequências da nossa irreflexão.

Os Espíritos Superiores cobram de si próprios uma Ética que sequer temos condições de avaliar, enquanto que os Espíritos primitivos ou medianos atropelam a vida alheia sem sequer perceberem o quanto provocam de problemas para os outros.

“Pelo dedo se conhece o gigante”, tanto quanto pelos pequenos detalhes do nosso pensar, sentir e agir se pode avaliar o nosso grau evolutivo.

Chico Xavier agia sempre de maneira uniforme, com extrema gentileza e consideração por todos, inclusive pelos seres inferiores da Natureza, que, na verdade, são nossos irmãos e irmãs. Já um Espírito menos evoluído distingue aqueles a quem trata bem de outros a quem despreza e assim por diante.

O atabalhoamento, a falta de previsão, a leviandade, tudo isso representa atraso moral, que deve ser objeto de nossa ponderação, para não procedermos como verdadeiros obsessores de pessoas ou de coletividades inteiras, de acordo com o número de prejudicados pela nossa imprudência.

1.2.2 – NEGLIGÊNCIA

A negligência se diferencia da imprudência na medida em que nosso sentimento de desconsideração pelos outros é ainda maior, pouco nos interessando se alguém irá sofrer em decorrência da nossa forma de ser.

O descumprimento dos nossos deveres ou a sustentação dos nossos defeitos morais sempre ocasionam uma sobrecarga na vida alheia, evidentemente.

Só de não fazermos o Bem já estamos contribuindo para o Mal, pois a neutralidade não existe entre um estado e o outro.

Há quem passe pela vida vivendo de forma tão egocêntrica que um Espírito Superior afirmou que a contribuição dessas pessoas chega quase que unicamente a de seu corpo servir de adubo, assim mesmo à revelia da sua vontade, pois, se fossem consultadas, não concordariam com essa forma de beneficiar os outros.

Não quem diga: - “Não ajudo a ninguém porque ninguém nunca me ajudou”?

O Espírito negligente não se preocupa se sua vida pesa na economia da coletividade ou de outra pessoa: somente quer seu próprio bem-estar, tornando-se obsessores como verdadeiras sangue-sugas ou aquele parasita vegetal conhecido como mata-pau, o qual se agarra a uma árvore sadia e se sustenta da sua seiva até levá-la à morte, então morrendo em seguida, por falta de outro hospedeiro.

Os obsessores encarnados ou desencarnados dessa natureza são extremamente perigosos, porque sutis e aparentam o que lhes convém para sobreviverem às custas alheias. Inclusive no seio das próprias congregações religiosas se encontram criaturas com essa mentalidade, minando o terreno do progresso e das boas obras, porque, além de nada ou quase nada produzirem, costumam atrapalhar o trabalho sincero e dedicado dos servidores do Bem.

Jesus alertou sobre esses falsos religiosos chamando-os de “sepulcros caiados por fora, mas podres por dentro”.

1.3 – OBSESSÃO INVOLUNTÁRIA

Há Espíritos encarnados ou desencarnados em estado de desequilíbrio espiritual ou moral, que, sem nenhum propósito, mesmo que remoto, provocam perturbação por onde andam: são necessitados de afeto e tratamento, todavia, convindo termos cuidado para não sermos afetados pelos seus desequilíbrios.

Hernani Guimarães Andrade narra o caso de uma mulher que, com sua energia espiritual negativa, provocava o depauperamento, até à morte, de todas as servidoras domésticas que iam trabalhar na sua casa. Verdadeiro caso de vampirismo espiritual, talvez inconsciente.

Cuidar de pessoas desequilibradas exige cautela dos cuidadores, a fim de que não entrem na faixa negativa dos necessitados.

Fazer o bem não significa entregar-se aos desequilíbrios de quem, muitas vezes, se compraz no Mal.

Se fosse diferente, os médicos deveriam morar nos hospitais com seus pacientes, os servidores da Justiça viveriam trancidos nos presídios com os condenados e assim por diante.

Há pessoas que absorvem as agruras alheias de tal forma que adoecem junto com os doentes, muitas vezes entendendo que tal significa Amor, quando, na verdade, é um tipo de masoquismo, o que deve ser tratado como patologia psicológica.

Há, infelizmente, quem, por causa de baixa autoestima, assimile os males dos doentes ao invés de ajuda-los a se curarem: consentem em ser obsidiados e obsidiam os doentes, aumentando-lhes o sentimento de insuficiência para se curarem.

2 – OBSESSORES

Obsessores somos todos nós, quando ao invés de corrigirmos os defeitos morais que ainda trazemos, prejudicamos as pessoas com nossos pensamentos, sentimentos e ações negativos.

Chico Xavier disse certa vez: “Criminoso é aquele que foi pego em flagrante”, revelando que todos somos mais ou menos devedores à própria consciência, por faltas cometidas há pouco ou há muito tempo, a nível de pensamentos, sentimentos e ações, muitos que sequer chegaram ao conhecimento dos que convivem conosco.

Michel de Montaigne, no século XVI, afirmou: “Se cada um de nós tivesse que pagar pelos erros que cometeu, mereceria pelo menos meia dúzia de condenações à pena de morte.”

Costumamos deixar cair no olvido nossas maldades e guardamos vivas as reminiscências do mal que outrem nos fez: isso retarda nossa própria evolução, com sérios prejuízos até para nossa paz interior e nossa saúde.

Quanto mais cedo iniciarmos a autorreforma, melhor para nós, pois, no mundo espiritual, em que o que pensamos e sentimos se torna visível a todos, não há como enganarmos a ninguém, nem a nós mesmos, além de que nosso equilíbrio psíquico, lá, depende apenas e unicamente do nosso nível ético-moral.

Trata-se do mais importante investimento da criatura humana a sua autorreforma moral, para não sermos obsessores de ninguém nem auto-obsessores.

2.1 – OBSESSORES ENCARNADOS

Há muitos obsessores encarnados, ou sejam, todos aqueles que prejudicam as outras pessoas.

São obsessores os que divulgam mensagens nocivas, de qualquer natureza que sejam.

Há pessoas muito inteligentes que podem ser enquadradas nesse perfil, como igualmente outras que são pouco intelectualizadas. Há igualmente pessoas muito destacadas na sociedade e outras sem nenhum prestígio. O que conta é o direcionamento que elas dão à sua energia espiritual.

Os exemplos são inúmeros de situações em que se consegue fazer mal às pessoas.

Há quem simule fazer o Bem, mas com a intenção do Mal.

Saulo se deixou dominar pelas sugestões de obsessores encarnados, que eram seus companheiros de ideologia rigorista e ambiciosa.

Cada um que ouve as sugestões de terceiros indutoras dos defeitos morais está dando ouvido a obsessores encarnados.

Respondemos perante a consciência e a Justiça Divina se damos ouvidos a esses maus conselheiros.

O “orar e vigiar” se faz imprescindível para não cairmos nas armadilhas dos conselheiros do Mal, que, muitas vezes, se apresentam cheios de argumentos aparentemente respeitáveis.

O próprio Saulo, escutando alguns companheiros, acreditou estar cheio de razão para iniciar a matança de pessoas, mesmo sabendo do mandamento do “Não matarás”...

2.1.1 - CÔNJUGES-OBSESSORES

Quando um “homem novo” e uma “mulher nova” se unem em matrimônio ou situação equivalente, como Allan Kardec e Amélie Boudet, a autoaprimoramento intelecto-moral de um se processa multiplicado pela participação valiosa do outro.

Todavia, quando um é velho e o outro é novo, aquele que é velho costuma agir como obsessor do outro.

Quanto cônjuge dificulta a evolução espiritual do outro, por exemplo, cobrando-lhe uma *performance* sexual exacerbada ou até doentia; impedindo-o ou dificultando-lhe a dedicação a atividades filantrópicas; exigindo-lhe a participação em festividades e eventos totalmente dispensáveis ou inúteis; e outras tantas situações prejudiciais!

José Raul Teixeira afirma que convém, tanto ao homem novo quanto à mulher nova, antes de optar pelo namoro ou casamento com alguma pessoa, informa-la sobre seus ideais e estilo de vida onde o autoaprimoramento intelecto-moral tem papel preponderante.

Caso o pretendente aceite essas condições, então, aí, sim, deve-se iniciar o relacionamento. Em caso contrário, é melhor que tudo se encerre antes de começar, pois tentar mudar a índole do outro mais adiante é empreitada ingrata, senão impossível...

Há muitos casos de cônjuges-obsessores, que se fazem verdadeiros verdugos da vida de homens novos ou mulheres novas: alguns destes últimos sucumbem às imposições do cônjuge incompreensivo e deixam-se conduzir a situações negativas, falhando no mandato que lhes cumpria desempenhar. Pecam por omissão, mas a consciência lhes cobrará por isso.

Mesmo amando e respeitando o cônjuge-obsessor, não se justificam as falhas que venhamos a cometer simplesmente para satisfazer as suas preferências negativas.

Amar e respeitar não nos obriga a trair nossos compromissos espirituais.

Se o cônjuge-obsessor não concorda com nossa dedicação aos objetivos espirituais, o problema é dele. Se nos omitimos em cumprir nossos deveres, o problema já passa a ser nosso.

2.2 – OBSESSORES DESENCARNADOS

A Doutrina Espírita é a corrente religiosa que mais informa sobre as relações entre o mundo dos encarnados e o dos desencarnados.

O número de obras esclarecedoras sobre esse assunto é respeitável, podendo-se destacar várias psicografadas por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, sem contar o Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

Ignorar a influência dos Espíritos desencarnados sobre os encarnados é deixar de levar em conta um dado importantíssimo na vida de qualquer pessoa.

Infelizmente, a maior parte da humanidade não tem interesse em informar-se sobre isso e sofre as consequências dessa desinformação.

O número de obsidiados é muito elevado, sendo os desencarnados atraídos pelos defeitos morais que ainda mantemos.

Saulo, optando por ignorar a essência do Decálogo para iniciar as perseguições contra os cristãos, passou a ser teleguiado por mentes desencarnadas voltadas para o Mal.

Somente no memorável Encontro com Jesus, e por força da sublimidade irresistível do Amor do Senhor, quebrou-se a cadeia que o mantinha refém dos terríveis exploradores do seu psiquismo em franco desvairio.

Sempre é de bom alvitre lembrar-se a necessidade do “orar e vigiar” como barreira contra as influências negativas invisíveis.

2.3 – OS DEFEITOS MORAIS

As inúmeras classificações que se propõem dos defeitos morais mostram que normalmente toda tentativa de classificar é temerária e incompleta. Alguns falam nos sete pecados capitais, outros apresentam uma relação maior e outros mencionam uma classificação mais reduzida.

Na Doutrina Espírita se tem como razoável o entendimento de que os defeitos morais podem ser reduzidos, essencialmente, a três: orgulho, egoísmo e vaidade.

Para nós, os defeitos morais representam formas de pensar, sentir e agir contrárias à regra do “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.”

O pensamento é sempre criador, interferindo no fluido cósmico universal e criando “realidades”, mesmo que provisórias, com o simples fato do Espírito encarnado ou desencarnado emitir suas ondas mentais, o que pode produzir mal aos outros ou, no mínimo, a si próprio. Todavia, há um detalhe pouco observado pelos próprios espíritas, mas que o Espírito André Luiz anota em “Evolução em Dois Mundos”, que é a responsabilidade que cada um de nós tem quanto aos bilhões de células físicas e perispirituais que compõem nossos corpos material e perispiritual. Cada uma dessas células é um Espírito em estágio rudimentar de evolução, estágio esse que nós também já vivenciamos no passado remoto. Somos, no mínimo, responsáveis perante esses seres, que costumamos desarticular através da reiteração de pensamentos contrários às Leis Divinas, daí surgindo muitas doenças físicas e/ou mentais.

Os sentimentos são vibrações poderosas emitidas pelo Espírito, que, da mesma forma que os pensamentos, provocam alterações dentro e fora de nós próprios.

As ações são movimentos externos, valendo quanto a elas as mesmas considerações acima feitas.

O estudo aprofundado dos defeitos morais é importante para o Espírito, que, logo em seguida, deve iniciar o trabalho de autoconhecimento, quando verificará de quais deles ainda

é escravo e em qual nível de intensidade. Normalmente, não temos todos os defeitos em igual porcentagem: alguns são mais orgulhosos, outros mais egoístas e outros mais vaidosos. Alguém que tenha todos os defeitos em grande dose será, na certa, um grave problema para si próprio e para todos que com ele convivem...

2.3.1 – ORGULHO

O orgulho se traduz na ideia de que somos muito mais importantes do que os outros. A pessoa orgulhosa se coloca em um pedestal simbólico, aos pés do qual as demais teriam o dever de postar-se em reverência.

Há ricos, intelectuais e poderosos humildes, como há pobres, iletrados e desprotegidos da sorte que se deixam dominar pelo orgulho.

Esse defeito não é consequência do eventual destaque que venhamos a ter, mas sim uma qualidade negativa que uns cultivam e outros combatem em si próprios.

Voltaire comparava o orgulho a uma bola cheia de ar, que vaza estrondosamente quando recebe uma espetada.

A humildade é a virtude contrária ao orgulho e traduz-se em um dos mais importantes qualificativos dos seres evoluídos.

Sócrates reconhecia suas limitações, Montaigne deu a público as próprias contradições na busca pelo autoconhecimento e Jesus Cristo, mesmo sendo o melhor dos homens, não se sentiu diminuído ao lavar os pés dos próprios discípulos.

Realmente, não há razão para o orgulho, apanágio de quem pouco sabe de si próprio e de quem se julga insubstitível, numa atitude de puro infantilismo ético-moral.

2.3.2 – EGOÍSMO

“Amar a si próprio” é imprescindível para a evolução intelecto-moral, significando investir no seu próprio progresso.

Todavia, impedir que as benesses em geral cheguem aos outros, tudo querendo para si, é atitude ingênua, uma vez que uns dependemos dos outros umbilicalmente.

“Uma andorinha só não faz verão”, já dizia Aristóteles, há muitos séculos atrás.

O regime que vigora na Natureza é a colaboração, conforme detectou Jean-Baptiste Lamarck.

Demonstra bom senso e inteligência que atua em equipe, dividindo responsabilidades e benefícios.

O egoísta é tardo no raciocinar com clareza e cego por não ver a própria insignificância da sua pessoa considerada individualmente.

Todas as grandes realizações são coletivas.

O próprio Cristo fazia-se acompanhar de amigos para poder alcançar seu desiderato de divulgar a Mensagem do Amor.

A virtude contrária ao egoísmo é o desprendimento, que encaminha para a Solidariedade e a Fraternidade.

Feliz de quem é solidário, pois nunca está solitário.

2.3.3 – VAIDADE

Pretender notoriedade exagerada é o próprio retrato dos vaidosos.

Luiz XIV, o “rei sol”, da França, adorava ser incensado pelos bajuladores. Da mesma forma, contam-se aos milhões os grandes e pequenos vaidosos, que sofrem por não serem homenageados a cada passo.

A vaidade se manifesta de inúmeras formas, normalmente nada tendo a ver com o hábito tão feminino de enfeitar-se para aparecer em público.

Falamos aqui da vaidade-defeito moral, dominadora de muitas personalidades aparentemente modestas.

A vaidade intelectual é lamentável, pois incita muitas inteligências às idealizações contrárias às Leis Divinas, causando confusão nas mentes desavisadas e nas pessoas ingênuas, como acontece, por exemplo, com a péssima qualidade ético-moral de muitos programas televisivos, arquitetados por profissionais vaidosos, que visam mais a divulgação do próprio nome do que o importante ideal de divulgar a Arte e o Conhecimento.

3 – NÓS SOMOS OBSESSORES?

Enquanto não realizamos a autorreforma moral somos obsessores uns dos outros, como diz Manuel Fernandes.

3.1 – A AUTOANÁLISE

O livro “Memórias de um Suicida”, de Camilo Castelo Branco, psicografado por Yvonne do Amaral Pereira, é uma das obras espirituais mais reveladoras da vasta Literatura Espírita. Ali são relatados alguns casos reais da atuação da Lei de Causa e Efeito, inclusive no processo evolutivo do próprio autor espiritual.

Vejamos alguns itens da sua biografia e ponderemos sobre a autoanálise.

Na época da encarnação de Jesus na Terra, a Entidade Camilo era um mendigo cheio de maldade, o qual teve a oportunidade de encontrar o Divino Mestre, naturalmente que induzido por seus Orientadores Espirituais, mas, ao invés de interessar-se, como muitos fizeram, em mudar de vida e seguir o Pastor da humanidade terrestre, foi um dos que o apodaram, irritando-se com Sua postura pacífica e exemplarmente digna diante do sacrifício extremo que Lhe impuseram. Esse Espírito não estava em condições morais de entender a Mensagem do Cristo, apesar de evolvido intelectualmente, pois que os defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade ainda dominavam sua personalidade. Deve ser um daqueles Espíritos então rebeldes vindos de Capela...

Em programação compatível com seu nível intelecto-moral, seguiu adiante na sua atribulada trajetória evolutiva até que, muitos séculos depois, renasceu com a programação do sacerdócio cristão, todavia, ao invés de renovar-se espiritualmente e encaminhar Espíritos mais necessitados que ele próprio, aproveitou o prestígio que lhe dava o Tribunal da Inquisição, do qual fazia parte, para vingar-se de certa donzela pelo desprezo com que ela recebeu sua proposta de casamento, estendendo seu ódio ao rapaz por ela eleito para esposo, determinando-lhes a morte em espetáculos de humilhação e atrocidade.

Até então pouco evoluíra no sentido ético-moral, mas, devido aos abusos que cometeu naquela encarnação, comprometeu-se mais gravemente com as Leis Divinas.

Na sua última encarnação, como um dos escritores mais ilustres da Literatura portuguesa, já em idade mais avançada, foi acometido pela cegueira e, não conseguindo suportar os sacrifícios que a Lei de Causa e Efeito lhe determinava, cortou o fio da própria existência material pelo suicídio.

No mundo espiritual, depois de passar longos anos em sofrimento necessário ao despertar espiritual para reconhecer sua própria filiação divina, veio a tomar conhecimento, através de regressão de memória, da sua biografia, retrocedendo gradativamente até a época do surgimento do Cristianismo na Terra.

Preparou-se, então, no mundo espiritual, através de anos a fio de estudo e prática para uma nova encarnação, quando voltaria à provação da cegueira.

Pensemos agora em nós próprios, verificando a necessidade de autoanalisarmo-nos, para que nossa encarnação seja realmente proveitosa.

Sabemos, através das informações da Doutrina Espírita, que todas as circunstâncias da vida de cada ser humano têm uma finalidade útil para aquisição das virtudes, que são a humildade, o desapego e a simplicidade.

Não necessitamos de conhecer nossas encarnações passadas para sabermos quais são as nossas deficiências ético-morais, bastando deixar que nossa consciência as aponte.

O auxílio de profissional da Psicologia é aconselhável, mesmo para as pessoas que se julgam absolutamente normais, bem como nossa integração em alguma entidade espírita, com participação efetiva em suas atividades de estudo em grupo, sendo que em ambos os casos teremos oportunidade de

aprofundar o autoconhecimento, reprogramando-nos e superando os impulsos primitivistas arquivados nas camadas mais profundas do nosso inconsciente, que lutam por manter-nos atrelados aos instintos multimilenares.

O mergulho periódico no nosso próprio íntimo nos propicia oportunidades de ouvir a “voz da consciência”.

Essa pesquisa faz parte do autoconhecimento, aconselhado desde o tempo dos filósofos pré-socráticos e foi adotada explicitamente pela Doutrina Espírita.

Simplesmente viver não é suficiente para alguém evoluir, porque a evolução é um processo que exige atuação consciente e esforço persistente: a ascensão é como uma caminhada, que nos cobra a movimentação programada do corpo em rumo determinado.

Devemos dar o exemplo da autoanálise para que outros a adotem, uma vez que grande parte das pessoas ainda não despertou para esse importante item da religiosidade, muitos ficando restritos à prática da caridade material.

No mundo de regeneração, onde estamos adentrando, a autoanálise deverá ser um dos requisitos mais importantes do dia a dia das pessoas.

3.2 – O ARREPENDIMENTO

Trata-se do primeiro passo após o reconhecimento das nossas falhas morais.

3.3 – A REPARAÇÃO

Se possível, deve ser realizada, junto aos próprios prejudicados, e, se inviável, beneficiando terceiros. Todavia, sem reparação, não se satisfaz nossa consciência, que é o canal puríssimo por onde Deus nos Fala.

Reflitamos a respeito sobre a mensagem transcrita do livro “Luz em Gotas”, de autoria do Espírito J. M.:

“PERDÃO E REPARAÇÃO

Muitos alegam que Jesus “mandou perdoar não sete, mas setenta vezes sete e nos mandou orar o ‘Pai Nosso’”, no qual se diz: “Senhor perdoai as nossas dívidas”.

Porém, é Ele mesmo que firma este postulado claro e insofismável: “A cada um será dado de acordo com suas obras”.

Sendo más nossas obras, somente deveremos procurar os resultados a elas correspondentes.

Disse mais o Senhor: “Não se colhem figos dos abrolhos, nem se vindima nos espinheiros”. Então, como podemos alterar a lei natural?

São Paulo remata: “Aquilo que o homem semeia isso mesmo colherá”.

Haverá contradição no Evangelho?

“Em verdade vos digo que todos os pecados e blasfêmias contra o Espírito Santo não lhes serão perdoados nem neste mundo, nem no vindouro” (Mat., 3,31).

Pecado contra o Espírito Santo é a falta grave cometida por quem já tem consciência o suficiente de suas responsabilidades perante as leis Divinas.

Não importa a ação propriamente dita, pois aqueles que as praticam sem conhecimento de causa, em estado de primarismo evolutivo, não são responsabilizados; porquanto, a consciência não os acusa.

Deus perdoa sempre, uma vez que Ele é infinita expressão do Amor, atendendo ao perfeito

conhecimento que Ele tem de nossa inferioridade evolutiva. Mas, aquela partícula santa – consciência – existente em nós não nos perdoa.

Para as ações praticadas por todos nós e condenadas pela nossa própria consciência não há perdão.

O perdão importa em reconciliação íntima com a própria consciência, o que só se verifica após a reparação.”

3.4 – A MUDANÇA DE VIDA

Mudando o foco de sua razão de viver, passando dos interesses materiais para as metas espirituais, grandes mudanças internas lhe ocorrem, apesar de externamente nem sempre se notarem traços perceptíveis.

Todavia, se alguém observar atentamente, perceberá que exteriorizam-se dados diferenciadores.

Talvez antes se preocupasse em acumular objetos desnecessários, que faziam falta aos que careciam do mínimo para sobreviver, representando o egoísmo centralizador; títulos e destaques que nada acrescentavam e somente traduziam uma vaidade doentia; e a uma forma rude ou fria de tratar as demais pessoas, retrato de um orgulho sem razão; mas, presentemente, se desfez de tantas quinquilharias que lhe ocupavam espaços enormes, homenagens imerecidas que lhe encarceravam a mente e inquietavam o coração e tratamento cerimonioso que lhe prejudicava a naturalidade e a harmonia no contato com as pessoas.

O homem novo passa a ser amado, ao invés de temido ou odiado, conquista amizades sinceras pela simpatia que passa a irradiar e pelos pequenos e grandes benefícios que propicia ao meio onde vive.

3.4.1 – EXEMPLO DE EX-OBSESSOR

Paulo de Tarso é um dos exemplos mais eloquentes do que a autorreforma moral pode proporcionar como verdadeiro “salto qualitativo”, transformando obsessores em benfeitores da humanidade.

3.4.1.1 – PAULO DE TARSO

Atualmente já se afigura indubitável para as pessoas instruídas a ideia de que cada ser é um foco de energia.

Nosso corpo físico é formado de energia de baixa frequência, detectável pelos cinco sentidos, corpo esse que obedece ao comando do Espírito, este que é uma forma de energia de alta frequência, energia essa dotada de um diferencial característico, que é a inteligência, fruto de uma evolução gradativa através dos Reinos inferiores da Natureza.

Em realidade, tanto o corpo quanto o Espírito são energia irradiante, sendo que o perísprito (corpo ligado diretamente ao Espírito) é constituído de um tipo de energia de frequência intermediária entre a do corpo físico e a do Espírito.

Através do perísprito, o espírito comanda o corpo físico, afirmando o Espírito André Luiz que esse comando se viabiliza através do sangue, o que possibilita o acionamento dos mínimos pontos da máquina física. Onde o sangue pára de chegar, ocorre a necrose local.

Tudo que sentimos, pensamos e realizamos se faz acompanhar da correspondente emissão de irradiação, acionando o fluido cósmico universal e alcançando as pessoas ou coisas para as quais direcionamos nossa vontade.

Da mesma forma, recebemos as emissões mentais dos demais seres.

Nesse contínuo emitir e receber irradiações, criamos vínculos positivos ou negativos. Os primeiros acarretam a paz, a felicidade etc. Os segundos o contrário.

Não há como alguém viver à parte nesse universo de irradiações.

Ninguém consegue viver sem pensar, sentir e agir.

O intercâmbio ocorre a nível universal no sentido mais amplo da palavra, pois não há barreiras que separem os mundos.

Por isso, “orar e vigiar” é muito mais relevante do que parece à primeira vista. Escolhida a sintonia positiva, pela

própria lei da inércia, a tendência é a continuidade. Se negativa a sintonia, se não nos esforçarmos para mudar de rumo para o Bem, vamos sendo impulsionados para situações cada vez mais dramáticas.

Cada emissão segue em todas as direções e volta com força multiplicada ao emissor.

Saulo, homem altamente intelectualizado e ocupante de posição proeminente na sociedade da época, mas sintonizado momentaneamente com as correntes do Mal, representada na pessoa de frios e dominadores sacerdotes encarnados e por inimigos desencarnados do Progresso da humanidade, tornou-se um dos porta-vozes mais perigosos da oposição à Mensagem do Cristo para o nosso planeta.

Com sua oratória altamente qualificada e sua pujante capacidade de articulação política, estava sendo inconscientemente manipulado pelas correntes do Mal.

Felizmente, o Encontro com Jesus desarticulou o conúbio de forças negativas, desplugando-o dos seus obsessores encarnados e desencarnados e fazendo-o cair em si e dar início à missão que lhe tinha sido destinada desde antes do seu nascimento naquela encarnação.

Sua biografia representa um exemplo notável de como se pode fazer o Bem ou o Mal, dependendo do direcionamento que damos à nossa sintonia.

Podemos ser Saulos ou Paulos de Tarso, conforme a direção que imprimimos aos nossos potenciais.

4 – A AUTORREFORMA MORAL

Com o advento da civilização, o que, como já visto, ocorreu há mais ou menos 6.700 anos, surgiram as manifestações culturais, das quais iremos abordar algumas, que estão ligadas mais diretamente à Ética, que são a Religião, o Direito e a Filosofia.

A Religião pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos sobre as relações entre os seres humanos e Deus, normalmente com base em revelações mediúnicas, pois a maioria delas se formou e se desenvolveu através de médiuns, como Moisés e os antigos profetas quanto ao Judaísmo, Jesus e Seus discípulos no que diz respeito ao Cristianismo, Maomé na fundação do Islamismo etc. etc. É normalmente tido como natural, dentro das correntes religiosas, o contato entre pelo menos alguns adeptos e o mundo espiritual.

O Direito é o acervo de regras impostas pelo Estado aos cidadãos, visando a regulação das relações sociais.

O conceito de Filosofia deve ser estabelecido por exclusão das áreas da Religião e da Ciência, ou seja, é o resultado das reflexões sobre tudo que existe, todavia tendo como única ferramenta o próprio raciocínio humano. Sócrates representa uma exceção dentro da Filosofia, pois se afirmava em constante contato com o mundo espiritual, recebendo dos seus Orientadores as informações mais importantes. Todavia, a Filosofia acadêmica, sobretudo a atual, procura ignorar esse dado a respeito do mais sábio dos filósofos, aliás, seguindo a tradição reducionista da Filosofia, que tende normalmente para o materialismo, pelo menos a partir do Iluminismo. Quanto a este último, representou um movimento de intelectuais europeus de desvinculação da Ciência, da Filosofia e da Arte da dominação do Catolicismo e das correntes protestantes, os quais, durante muitos séculos, escravizaram o Conhecimento aos seus dogmas, consagrando a fé cega e retardando a evolução da razão.

O Consolador, ou seja, a Doutrina Espírita, somente pode surgir no cenário terrestre após o Iluminismo ter criado a ambiência própria à livre manifestação da razão, assim comprovando, através de experiências científicas e análises filosóficas, que o ser humano é Espírito, que a morte não extingue a vida e a comunicabilidade entre encarnados e desencarnados é uma realidade.

Como se sabe, a Doutrina Espírita surgiu como Ciência e Filosofia de consequências morais, passando, somente depois de algum tempo, sobretudo já no século XX, principalmente graças às obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier e sua vida de grande apóstolo de Jesus, o Espiritismo passou a ser reconhecido como Religião, principalmente no Brasil.

O Consolador, prometido por Jesus, manifestou-se dessa forma, como continuidade do Cristianismo, representando a Terceira Revelação, como se sabe.

A Ética, como dito, é estudada basicamente nos âmbitos da Religião, do Direito e da Filosofia, sendo que, atualmente, o materialismo mina pela base os dois últimos segmentos, fazendo com que sua Ética seja reducionista, não conseguindo fazer muitos adeptos realmente convictos, pois o próprio materialismo torna a Ética mero discurso vazio: afinal, acreditando que Deus não existe, que somos somente corpos putrescíveis, que não há continuidade da vida depois da morte e tudo que daí advém, quem irá querer domar seu orgulho, egoísmo e vaidade para realmente pensar, sentir e agir em benefício alheio? O que muitas dessas pessoas vivem é um simulacro de virtudes, aparentando um idealismo apenas exterior, quando, na verdade, pensam somente em si próprias e seus familiares. Isso faz com que os materialistas não tenham grande empenho na reforma moral.

Quanto aos adeptos de muitas religiões, contentam-se em geral com as ideias “salvacionistas”, ou sejam, pretendem que Deus os livre de problemas e dificuldades na vida terrena e os leve para o Céu após a morte.

A Doutrina Espírita não é “salvacionista”, mas baseia-se na “evolução”, sendo cada um responsável pelo próprio aperfeiçoamento moral, devendo superar seus defeitos e adquirir virtudes.

São duas formas de entender totalmente diferentes: a “salvacionista” e a “evolucionista”, com consequências práticas evidentes.

Não pedimos a Deus que nos livre do “aprendizado”, representado pela luta do dia-a-dia, mas sim que nos dê forças e discernimento para enfrentá-la, evoluindo moralmente, rumo a patamares cada vez mais altos. Para tanto, a Ética que adotamos é a de Jesus, que se resume em “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”. Essa regra pode ser traduzida pela superação dos defeitos morais do orgulho, do egoísmo e da vaidade e aquisição das correspondentes virtudes da humildade, desapego e simplicidade

4.1 – A AQUISIÇÃO DAS VIRTUDES

Há três afirmações de Jesus que pretendemos abordar neste ponto da nossa reflexão: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, “Seja o vosso falar sim sim, não não” e “Ninguém pode servir a Deus e a Mamom.”

O Divino Mestre apresentou claramente a proposta da reforma moral, alertando-nos, ao mesmo tempo, sobre a seriedade da opção feita: ou nós nos empenhamos no autoconhecimento, com a conseqüente vitória sobre os próprios defeitos morais ou continuaremos correndo atrás dos objetivos materiais, traduzíveis nos “interesses de César”, “Mamom” etc. Não há como enganarmos a consciência.

Depois de tomarmos ciência das revelações de Jesus, quanto tempo permanecemos jurando fidelidade a Deus e a César, adorando ao Pai Celestial e a Mamom, falando sim e não da forma mais incoerente possível!...

Chega um momento em que não há mais como adiarmos a decisão definitiva: cada um de nós tem sua “estrada de Damasco”, ou seja, um momento em que encontra a própria consciência frente a frente e deve escolher o caminho da reforma íntima, se não quiser continuar em conflito consigo mesmo, com seu Self, fomentando em si mesmo distúrbios de natureza psicológica e/ou física.

As virtudes devem ser exercidas “de corpo e alma”, ou seja, clara, convicta e firmemente.

O fato de optarmos por elas não nos obriga a virar as costas para os nossos deveres em relação à família, à sociedade, ao estudo e ao trabalho, mas sim os cumprirmos com plena consciência do valor exato que cada qual realmente tiver. Nossa consciência é que dirá o quanto devemos de empenho em relação a cada um deles.

Há quem se diga impossibilitado de cumprir uma série de deveres que sua consciência lhe cobra pretextando compromissos sociais, familiares, profissionais etc.: isso pode significar simplesmente uma forma de adiar sua própria

evolução ético-moral. A consciência nos encontrará talvez mais à frente, cobrando juros moratórios...

O Espírito André Luiz afirmou: “Quando o ser humano entender que vale a pena ser bom, será bom até por interesse.” A recompensa que a evolução espiritual concede supera, de muito, quaisquer interesses materiais, pois, inclusive, além da inteligência, é a única coisa que realmente nos “pertence”, que levaremos para todos os lugares aonde formos.

São os bens que “a ferrugem não consome e a traça não rói.”

Em reflexão profunda, podemos analisar o que realmente tem valor dentre os bens e interesses materiais e, dentre os que compensam, o quanto compensam, para não passarmos dos limites do essencial e ingressarmos na superfluidade, a qual se transforma em peso, que iremos carregar sobre os ombros, sem utilidade real. Devemos fazer como o balonista, que vai desamarrando os sacos de areia desnecessários para voar mais alto...

Quem se apega a tudo que o mundo material lhe oferece não consegue sequer sair do lugar, enquanto que a postura contrária facilita a caminhada e, quando chegar a nossa hora de partir para a vida espiritual, estaremos leves como um balão sem nenhum saco de areia.

4.1.1 – HUMILDADE

Quando Jesus lavou os pés dos Seus discípulos pretendeu exemplificar a humildade. Há, todavia, um grande número de pessoas ainda não amadurecidas espiritualmente para compreender o significado dessa virtude, porque não entendem e, muito menos, não internalizaram a Lei da Igualdade (analisada detidamente em “O Livro dos Espíritos” como uma das Leis Morais), a qual vigora para todas as criaturas de Deus. Assim é que, perante o Criador, um simples ser unicelular vale tanto quanto um Espírito de altíssima hierarquia.

A humildade, portanto, é a natural decorrência da compreensão da Lei da Igualdade.

Como se sabe, Jesus, que encarnou com o objetivo de nos transmitir as informações compatíveis com nossa capacidade de assimilação daquela época, prometeu-nos enviar o Consolador, através do qual novas e mais aprofundadas noções nos foram dadas. Essas noções não foram, todavia, de cunho apenas religioso, mas estenderam-se às áreas científica e filosófica. Infelizmente, sem querer desmerecer as crenças de quem quer que seja, somos levados a afirmar que relativamente poucas pessoas levaram em conta essas informações do Consolador (Terceira Revelação), sendo que umas continuaram aferradas às noções ultrapassadas da Primeira Revelação (de cunho apenas religioso, ou seja, a Revelação Mosaica), enquanto que a maioria dos cristãos continua sintonizada com as palavras de Jesus (Segunda Revelação) apenas “pro forma”, compondo estatísticas, mas grande parte sem investimento na reforma interior, que Ele priorizou.

A Terceira Revelação é progressiva e não parou nas informações veiculadas na época de Allan Kardec, ocorridas no século XIX, mas continuou seguindo adiante, sobretudo graças à portentosa mediunidade de Francisco Cândido Xavier, a qual possibilitou ao Mundo Espiritual Superior, Comandado por Jesus, trazer para os Espíritos encarnados

conhecimentos muito mais avançados, pelos esforços principalmente dos Espíritos Emmanuel e André Luiz, o primeiro deles contribuindo na área da evangelização e o segundo nas revelações científicas.

Na verdade, a contribuição da Doutrina Espírita na área científica é extremamente relevante, apesar de negada pelos cientistas que não se dispõem a testar as afirmações feitas pelos espíritas e pelos Espíritos Superiores através dos médiuns.

A visão cristã sobre a humildade, sob as luzes da Doutrina Espírita, adquiriu mais amplitude e profundidade, justamente pelos esclarecimentos científicos veiculados pelo Espírito André Luiz: depois disso, não podemos mais nos sentir tão “virtuosos”, como se fôssemos verdadeiros “santos”, pelo fato de nos considerarmos iguais a todos, porque ficamos sabendo, pelas informações dadas em “Evolução em Dois Mundos”, que todos percorremos o mesmo caminho evolutivo, da bactéria ou vírus até chegarmos à fase humana. Apenas, uns de nós são mais antigos que outros, mas temos todos a mesma essência. Não ter humildade, ou seja, não ser igualitário, representa não apenas pobreza “moral”, mas até indigência “intelectual”, porque dá a entender nossa ignorância sobre a própria Ciência Biológica, se estudada em profundidade. Ser humilde passou a mera questão de “superioridade cultural”!

Os cientistas do mundo material, apegados às pobres percepções dos cinco sentidos e, principalmente, ao reducionismo, predominante nas universidades e academias, não conhecem a sequência evolutiva por inteiro, que passa por fases alternadas entre a vida na matéria e a vida espiritual, sendo que as vivências nesta última são muito mais progressistas que as primeiras, justamente porque a “essência espiritual” desencarnada fica mais acessível às interferências transformadoras nelas impressas pelos Espíritos biólogos encarregados da evolução dos seres. Assim, nossa Ciência fica

fragmentária, por lhe faltarem várias peças do mosaico da evolução dos seres.

O próprio Charles Darwin, infelizmente materialista consumado, enxergou apenas o lado material dessa trajetória e, pior que isso, cometeu o equívoco de, através da ideia da “seleção natural”, indiretamente incentivar o espírito de “competição doentia”, que hoje serve de parâmetro para as coletividades humanas, fazendo com que as pessoas praticamente “se entredovorem”, ao invés de “se ajudarem mutuamente”, desatento da realidade da Natureza, em que se observa a “cooperação”, consciente ou inconsciente, entre todos os seres, animados ou inanimados, inclusive entre os próprios seres humanos, pois somos essencialmente interdependentes. Basta refletir que dependemos de quem produz ou fabrica os objetos e bens indispensáveis à nossa sobrevivência, sem contar que, se, por exemplo, nos isolarmos numa ilha, não teremos a mínima condição de sobrevivência...

Humildade não significa, para nós, outra coisa que o conhecimento da Lei da Igualdade. Não faz sentido qualquer atitude arrogante, orgulhosa, prepotente. Somos irmãos não só dos seres humanos, mas também de todos os demais seres animados e inanimados, como afirmava Francisco de Assis.

A devastação da Natureza, que os ambiciosos e os incientes praticam atualmente, demonstra seu lamentável primitivismo ético-moral: são pobres pigmeus que se julgam gigantes pela força fictícia do dinheiro ou do poder.

Humildade, todavia, não significa subserviência, receio de enfrentar as dificuldades que surgem no caminho evolutivo: Jesus agiu sempre com humildade, mas foi firme quando olhou direto e sem pestanejar nos olhos dos seus algozes, aceitando todo o martirologio que Lhe estava traçado desde milênios, como a única forma de sensibilizar a humanidade primitiva e obtusa de então.

Madre Teresa de Calcutá, que também vivenciou a humildade, nunca, porém, deixou de afirmar o que lhe

competia para convidar à prática da caridade os poderosos do momento.

Mohandas Gandhi, mesmo respeitando os dominadores ingleses, conscientizou seus irmãos indianos à “desobediência civil” pacífica, afinal libertando a Índia do jugo britânico.

Francisco Cândido Xavier sempre foi humilde, mas cumpriu com firmeza, sua grandiosa missão de servir de intermediário à Espiritualidade Superior para concretizar no mundo material grandes avanços científicos, filosóficos e religiosos.

Os Espíritos realmente evoluídos intelectual e moralmente são sempre humildes, pois sabem que somente através da submissão a Deus se põem em condições de receber as “intuições” sobre a Verdade, a que Jesus se referiu.

A Verdade é infinita, porque é o conhecimento a respeito de Deus e Suas Leis: as pobres mentes humanas não conseguem conhecer sobre ela além dos estreitos limites do quase “insignificante”, principalmente se a arrogância e a irreverência habitam em nosso íntimo.

Quando Jesus afirmou: “Somente o Pai conhece o Filho e somente o Filho conhece o Pai” estava querendo nos ensinar que estamos longe de conhecer tanto a Deus quanto a Ele, pois nossa incipiência intelectual, mas, sobretudo, nosso atraso ético-moral, nos incapacitam a esse conhecimento.

Somente adotando o pensar, o sentir e o agir humilde nós teremos acesso gradativo à Verdade, o conhecimento progressivo das Grandes Revelações, porque, se ainda não temos “olhos de ver e ouvidos de ouvir”, poderemos ler e ouvir essas Revelações, mas não as compreenderemos, ficando apenas na memorização da “letra”, todavia sem acesso ao “espírito” das Leis Divinas.

Quantos há que conhecem apenas a “letra”, discutem, lançam teorias, debrateram-se, mas estão longe da Verdade, porque não a “merecem”, justamente por lhes faltar a humildade...

Quem se orgulha do que é ou do que possui, desprezando os demais, não tem a sintonia com as Correntes Superiores da Vida, e assimila apenas as ideias medíocres ou até negativas, como parceiros mentais de encarnados e desencarnados de nível inferior.

A humildade se manifesta, dentro de cada um, através dos pensamentos de igualdade e dos sentimentos fraternos e, externamente, através do agir atencioso e gentil para com todos.

Devemos refletir diariamente sobre como estamos pensando, sentindo e agindo. Se praticarmos essa virtude, já estaremos em condições de “orientar” nossos irmãos. Em caso contrário, seremos “cegos dirigindo outros cegos”... Quem não sabe para si não tem condições de ensinar, quem não pratica não é bom exemplo...

As criaturas realmente humildes podem estar ocupando qualquer posição na sociedade, podem ser dotadas de alto nível intelectual ou não, podem ocupar posição de relevo ou não, que seu íntimo sempre será o mesmo, ou seja, irradiante de simpatia, gentileza e compaixão.

Trata-se de uma conquista imprescindível à nossa evolução, digna dos filhos de Deus, criados para serem “deuses”, como disse Jesus, e poderem brilhar cada vez mais intensamente, tornando-se modelos de Sabedoria e Felicidade.

Em “Luz em Gotas”, obra mediúnica várias vezes referida no nosso estudo, encontramos uma mensagem de autoria do Espírito Um Amigo, com o título de “A Humildade”:

“A HUMILDADE

Quem deseja realizar algo de importante e espera uma grande oportunidade, está sujeito a esperar a vida inteira, em vão, sem conseguir realizar o seu intento.

A vida humana é feita de pequenos nada. E para desempenhar um papel importante no cenário mundial, é preciso realizar, cotidianamente e durante muitos anos, uma infinidade de atos aparentemente miúdos.

Tudo depende de amadurecimento e trabalho continuado e progressivo. Por exemplo, quando se assiste à inauguração de um momento, esquece-se de que, para a colocação do marco milionário foi preciso o trabalho árduo de numerosos serviçais e artífices.

Assim também são os homens: desejam que o monumento de suas vidas apareça ao sol da fama, porém, sem o respectivo merecimento. Gostam da vitória e aborrecem o esforço continuado.

O segredo da Humildade consiste, também, no esforço de todos os dias.

Desejar ser humilde repentinamente é o mesmo que pretender que a pedra bruta, sedimentada na montanha, transforme-se, instantaneamente, em mármore brunido de Carrara.

A Humildade é conquista dolorosa do coração humano e demanda luta e esforços diários. Nos pequenos choques, nas lides familiares, nos ataques intempestivos dos nossos amigos que passam a não nos compreender mais, nas dores, nas moléstias, no ódio gratuito que alguém nos vote – assim é que desenvolvemos o novo sentido da Humildade e da compreensão.

Há os que desejam tornarem-se bons da noite para o dia. E, como isso é impossível de se conseguir, desistem de uma vez para sempre de serem bons. Mas, não se deve agir assim. Devemos admitir a realidade inexorável de que o aperfeiçoamento demanda tempo, luta e dificuldades sempre renovadas.

Depois de anos a fio de lutas, verificamos que já nos tornamos mais dóceis e compassivos, mais amenos e compreensivos, mais pacientes e menos irritadiços, mais resignados e dispostos a aceitar a vida dentro dos padrões recomendados pela simplicidade e pelo Amor.”

4.1.2 – DESAPEGO

Jesus afirmava “não ter uma pedra onde recostar a cabeça”, ensinando que nada nos pertence realmente. Sabemos que toda a Criação é mero produto do Pensamento de Deus e simplesmente desapareceria se Ele assim o quisesse. Apegar-se ao que quer que seja significa desconhecimento dessa realidade básica.

Quanta gente se apega a bens e interesses puramente materiais, como se sua posse fosse durar para sempre; a pessoas, como se fossem meros objetos, de que pudessem dispor e comandar sem limites; e assim por diante!

O Espírito Maria de Nazaré, certa vez, atendendo a um pedido de Francisco Cândido Xavier, enviou-lhe uma mensagem em que dizia: “Isso também passa.” Realmente, tudo passa, menos nossas aquisições intelecto-morais, que carregamos no nosso próprio Espírito.

Desapegar-se é imprescindível, sem significar desamor ou desinteresse pelos nossos irmãos, mas devemos realizar nosso trabalho no meio onde fomos chamados a atuar como meros semeadores, sem, todavia, aguardar os resultados, que não nos pertencem.

Os momentos felizes e os dramáticos, as ocorrências todas que sucederem, tudo se esvai no curso do tempo, sendo substituídos os quadros do passado pelas perspectivas do futuro, sempre promissor.

A fatalidade evolutiva é a incompreensão tornar-se Amor Universal, a fealdade moral tornar-se virtude, a ignorância transmutar-se em Sabedoria e os problemas serem a base da Felicidade.

Desapegar-se o mais possível de tudo que não seja essencial para o progresso intelecto-moral é imprescindível: usar o que nos é lícito, com utilidade para nós e para os outros, mas sabendo da transitoriedade de tudo que não seja assentado no Bem verdadeiro.

Jesus mostrou o caminho do Amor Universal: essa a trajetória que conduz à Definitividade Relativa, que nos aguarda no futuro.

O bom senso é que nos mostrará como praticar o desapego.

Poucas palavras são necessárias neste capítulo, pois as próprias palavras estão aquém da grandiosidade das ideias que representam o Desapego. Assim, encerramos por aqui as considerações sobre o assunto.

4.1.3 – SIMPLICIDADE

Alguém idealizou a divisão da História em antes e depois de Cristo, possivelmente imbuído da sincera intenção de homenagear o Divino Mestre ou talvez simplesmente procurando valorizar a si próprio, como membro graduado da Igreja Católica, em detrimento das outras correntes religiosas. Todavia, Jesus, em momento algum, se encarnado estivesse, aceitaria essa distinção: isso significa simplicidade.

Quantas pessoas dão tudo que tem e o que não têm em troca de uma evidência, que, normalmente, não merecem!

Assim, Nero queria passar à História como ator de talento, apesar de ser medíocre representante de peças de mau gosto e outros tantos histriões vêm fazendo tudo para se tornarem notados pelos contemporâneos, como se lhes fossem superiores.

Faraós do antigo Egito falsearam dados históricos, registrando proezas que nunca efetivaram. Alexandre da Macedônia foi um dos antigos líderes que mais enxertou dados inverídicos nos registros a seu próprio respeito. Napoleão Bonaparte viveu em função de endeusar-se, chegando ao ponto de coroar a si mesmo como imperador da França. Nos dias que correm ainda se veem esses heróis “de fancaria”, vaidosos inveterados, que não conseguem entender a grande virtude da simplicidade.

Esses homens e mulheres, medíocres, pobres de valores espirituais, fixam ao rosto máscaras douradas e vestem-se de forma extravagante ou suntuosa, levam aonde vão sua ridícula corte de bajuladores e vivem a fantasia dos antigos “deuses” da mitologia dos povos primitivos. Talvez tenham sido realmente algumas daquelas deidades perante os seres ignorantes dos tempos recuados da evolução humana e ainda não se desvincularam da ilusão que os mantém estagnados no tempo...

A simplicidade é o resultado da compreensão dos valores espirituais, aqueles que realmente contam diante de Deus e da Sua Justiça, de Amor e Caridade.

Os Espíritos realmente evoluídos são simples, porque não pretendem nenhuma evidência sem utilidade: apresentam-se em ocasiões em que se faz necessário realmente para uma finalidade útil. Normalmente, não são vistos em situação de evidência, pois estão sempre ocupados com seus deveres, que lhes tomam o tempo e absorvem suas energias.

Gandhi evitava entrevistas inúteis, porque não lhe sobrava tempo na azáfama que lhe ocupava as mãos e o pensamento diariamente. Madre Teresa de Calcutá vivia tão assoberbada com seus “mais pobres dos pobres” e não se punha à disposição de quem pretendesse simplesmente satisfazer a curiosidade de vê-la e ouvi-la discorrer sobre seu trabalho humanitário. E assim por diante, inclusive, Francisco Cândido Xavier, que muitas vezes deixou de comparecer a solenidades de entrega de títulos de cidadania honorária que lhe outorgavam à sua revelia.

Ser simples não significa ser simplório, mas consciente do que é essencial para a vida e do que representa mera superfluidade, preferindo aquilo que realmente tem valor, ou seja, o trabalho útil em benefício da coletividade.

A simplicidade é apanágio dos que atingiram a Sabedoria, tal como Gibran Khalil Gibran narra no livro “O Profeta”, quando seu personagem principal fala ao povo da ilha pela primeira e única vez, pouco antes da partida daquele ambiente: nunca se preocupara em apresentar-se em aglomerações para expor seus conhecimentos, mas falou somente no momento certo e uma única vez.

Jesus falou muitas vezes, mas deve ter-se mantido calado na maior parte do tempo, por reconhecer que fazer diferente seria mero exercício de vaidade: expressou-se sempre com simplicidade, traduzindo grandes ensinamentos em palavras compreensíveis por todos, principalmente contando histórias de homens do campo, cenas da vida diária dos cidadãos comuns e tudo fazendo para tornar-se compreendido até pelas crianças.

A simplicidade é a virtude dos evoluídos, na acepção mais perfeita da expressão, os quais se nivelam a todos os seus irmãos e permitem a proximidade, que procuram espontânea e informalmente.

A mentalidade formalista, as regras da etiqueta, o estilo cerimonioso provocam o distanciamento entre as pessoas, com grave prejuízo para seu bom relacionamento.

Simplicidade no pensar, no sentir e no agir são exercícios que devemos praticar diariamente, como parte do caminho evolutivo, rumo a Deus, cuja Simplicidade é Infinita, a tal ponto que sequer se impõe às Suas criaturas, dando-lhes o direito até de duvidarem da Sua existência.

5 – JESUS: O MODELO PERFEITO

Afirma-se que Jesus teria sido tentado por um Espírito trevoso, que Lhe teria oferecido todas as benesses materiais em troca do Divino Mestre desistir da Sua Missão Reveladora à humanidade da Terra. Todavia, com os conhecimentos que já adquirimos sobre Jesus, podemos concluir o seguinte: tendo descrito toda Sua trajetória evolutiva de forma retilínea, nenhum defeito moral experimentou e, portanto, nada Lhe importava que não fosse cumprir as Leis de Deus. Qualquer coisa que pudesse desviá-l’O dessa rota estaria fora de cogitação para Ele, sendo, aliás, que, como “formador” do nosso planeta, juntamente com Sua Equipe de cientistas, que poderiam interessar-Lhe as coisas e interesses mundanos? Fazia questão de afirmar que “não tinha uma pedra onde assentar a cabeça”, o que representa uma verdade, pois somente Deus, como Criador e Sustentador do Universo, do qual fazem parte todas as criaturas, tem tudo, enquanto que as criaturas têm apenas, por permissão do Pai, apenas aquilo que podem carregar dentro de si mesmos, ou sejam, suas conquistas evolutivas intelecto-morais.

Que chances tinha o referido Espírito malévolos de conseguir seu intento ignóbil frente a um Espírito Puro? – Nenhuma.

Jesus não era nem é obsedável, pois nenhum defeito moral jamais teve! Não havia nem há nenhuma brecha na sua estrutura moral monolítica: eis aí a única defesa contra a obsessão!

6 - PESSOA MENOS SUJEITA A OBSESSÃO

O livro “Paz e Renovação”, do Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, traz uma lição intitulada “Pessoa menos sujeita a obsessão”, que transcreveremos abaixo e comentaremos parágrafo por parágrafo. Vale a pena a reflexão aprofundada sobre cada item, pois resume, em poucas palavras, o que poderia ser exposto em um verdadeiro Tratado de Reforma Moral. As palavras do autor espiritual estarão mencionadas entre aspas:

“A pessoa menos obsedável...”

Inicia afirmando a possibilidade de qualquer pessoa estar sujeita à obsessão. A prevenção depende de cada um, adotando uma forma de pensar, sentir e agir conforme as Leis Divinas. A cura, no caso de já instalada, também se submete ao mesmo tratamento. Todavia, “é melhorar prevenir do que remediar”...

Como se sabe, obsessão é a sintonia mental com Espíritos encarnados ou desencarnados em estado de desarmonia moral.

“Não espera milagres de felicidade, inacessíveis aos outros, mas se regozija pelo fato de viver com a possibilidade de trabalhar.”

A Felicidade verdadeira decorre do grau de adequação do pensamento, sentimento e ação às Leis Divinas: fora desse referencial o que costumam haver são momentos de euforia, que passam muitas vezes mais rápido do que se imaginava.

Não há nenhum “milagre” de felicidade, mas sim consequência do merecimento de cada um. A conquista de bens materiais e outros benefícios que não têm a ver diretamente com o aperfeiçoamento moral representaria uma forma “milagrosa” de felicidade, que muitas vezes esperamos, quando ainda não estamos despertados para a real procura da nossa evolução espiritual. Nesse estado de desacerto interior, vivemos correndo atrás dos objetivos materiais e costumamos nos revoltar quando não os alcançamos e nos

decepcionar quando os conseguimos, verificando que são meras “bolhas de sabão”...

A Felicidade real é possível a todos. Se pretendemos uma felicidade que somente nós poderíamos ter, já se pode ver que o egoísmo está por trás dela. O egoísmo tem muitas formas de manifestar-se, fazendo-nos querer com exclusivismo, como se fôssemos “mais filhos de Deus que os outros”...

Trabalhar é desempenhar qualquer atividade realmente útil ao meio ou à coletividade onde vivemos. Somente se pode considerar realmente trabalho as atividades “úteis”, pois as inúteis ou prejudiciais “servem” apenas a quem as exerce, visando dinheiro ou benefícios egoísticos. O trabalho também produz regozijo em quem o exerce, proporcionando igualmente o nosso desenvolvimento intelecto-moral.

“Ama sem exigências, aceitando as criaturas queridas como são, sem pedir-lhes certificados de grandeza.”

Amar é dar de si em pensamentos, sentimentos e ações. Se há exigências em contrapartida, já não se trata de amor, mas de egoísmo, que procura escravizar as outras pessoas. Muito ainda temos desse egoísmo, mas precisamos livrar-nos dele, sob pena de continuarmos a repetir os fracassos do passado. Amar é querer beneficiar as pessoas sem esperar nada em troca.

Cada ser humano é um verdadeiro universo, pois que descreveu sua trajetória evolutiva de forma diferente das demais: não há duas pessoas sequer parecidas, quanto mais iguais!... Cada um tem suas peculiaridades, sua forma particular de pensar, sentir e agir: devemos respeitar a individualidade de cada um. Orientar aqueles a quem nos compete é uma coisa, porém, cobrar delas “certificados de grandeza” é outra coisa. “Cada um dá o que tem”... O autor espiritual não nos aconselha a omissão, mas sim o respeito aos outros. Muitos de nós ainda não entendemos o que significa esse “respeito” e, a todo momento, querem exercer domínio sobre os outros, principalmente sobre os chamados “entes queridos”.

“Suporta dificuldades e provações, percebendo-lhes o valor.”

Quando Jesus aconselhou: “Toma a tua cruz e segue-me”, estava orientando-nos ao cumprimento dos nossos deveres, dentro dos quais se incluem vivenciar com sabedoria as “dificuldades” e “provações”. Nossa vida é um misto de facilidades e dificuldades, na medida exata, que as Leis Divinas estabelecem para cada criatura. “Deus dá o frio de acordo com o cobertor”...

O valor das situações difíceis é justamente de nos proporcionar novas lições, necessárias à nossa evolução intelecto-moral. Se não houvesse dificuldades e provações estaríamos condenados à estagnação. Na verdade, nem todas essas lições são novas, mas muitas são aquelas antigas que ainda não aprendemos...

“Não adota cinismo e nem preconceito em seus padrões de vivência, conservando o equilíbrio nas atitudes e decisões, dentro do qual sabe ser útil, com tranquilidade de consciência.”

Cinismo é falta de respeito a pessoas, situações ou coisas: trata-se de uma forma incorreta de pensar, sentir e agir, que não condiz com a caridade, que devemos adotar em todos os momentos.

Os preconceitos representam os atavismos do passado, as formas equivocadas de analisar sem conhecimento aprofundado dos assuntos. A pessoa preconceituosa enxerga tudo com os olhos dos “tempos idos”, sem abrir a inteligência e o coração para os novos conhecimentos e o respeito ao valor de cada pessoa ou coisa.

Não só as atitudes e decisões devem ser direcionadas com equilíbrio, mas também os pensamentos e sentimentos: sem equilíbrio acabamos perdendo o rumo da própria vida. A ponderação, a moderação, a avaliação do que é certo ou errado, tudo isso faz parte da ideia de equilíbrio.

Somente com equilíbrio somos realmente úteis. Em caso contrário, os prejuízos podem ser maiores que os benefícios.

Jesus sempre pautou suas atitudes e palavras pelo equilíbrio: até na “correção aos vendilhões do templo”, que muitos interpretam de forma literal, agiu com equilíbrio. Na verdade, no referido incidente, o alerta do Divino Mestre para o respeito a Deus foi firme, mas não violento, pois, em caso contrário, significaria uma forma de desequilíbrio.

A tranquilidade de consciência é resultado do cumprimento das Leis Divinas, pois é através da consciência que se dá o contato direto entre nós e o Pai. Se ela nos aprova é porque estamos pensando, sentindo e agindo em sintonia com Deus.

“Estuda para discernir e não age impulsivamente, subordinando emoções ao critério do raciocínio.”

“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”, disse Jesus. Estudar é imprescindível para saber discernir o certo do errado, o Bem do Mal e aprofundar o autoconhecimento. Sem estudar não há como evoluir. Não se trata do mero estudo teórico, mas da prática do que se aprendeu.

As ações devem ser ponderadas, pensadas antecipadamente, e nunca precipitadas, atabalhoadas e muito menos sob o domínio dos sentimentos negativos.

As emoções representam os sentimentos, que devem passar pelo crivo da razão. Alguém que se deixe conduzir pelas emoções descontroladas corre sérios riscos, pois estará sempre “a beira do abismo”...

“É firme sem fanatismo e flexível sem covardia.”

Firmeza é determinação, persistência, vontade segura no que se pensa, sente e realiza. Fanatismo é desequilíbrio de quem não conhece o suficiente e cujo orgulho o faz assumir atitudes arrogantes. Flexibilidade significa aceitar pelo menos ouvir as opiniões contrárias e, se estiverem corretas, mudar suas próprias afirmações anteriores. Covardia é medo de assumir as atitudes que lhe compete.

Jesus foi firme e flexível quando ensinou a Verdade sem ter obrigado ninguém a segui-l’O: cada qual tem a liberdade

de aceitá-la ou não num determinado momento e passar a viver segundo ela quando se sentir preparado para tanto.

“Acolhe as críticas, buscando aproveitá-las.”

Toda crítica que alguém nos faça tem alguma utilidade: no mínimo nos induz à humildade. Se o crítico tem razão, devemos mudar nossa forma anterior de pensar, sentir ou agir.

“Não interfere nos negócios alheios, centralizando o próprio interesse no exercício das obrigações que a vida lhe assinalou.”

Quando Jesus aconselhou a não “enxergarmos o cisco que está no olho do nosso irmão enquanto temos uma trave no nosso próprio olho” estava nos ensinando a investirmos na nossa própria reforma moral ao invés de querermos desempenhar o papel de censores da vida alheia.

”Aprende a entesourar valiosas experiências, à custa dos próprios erros.”

Todo erro, se bem analisado, pode servir de experiência para nossos futuros acertos. Arrepende-se dos erros cometidos é saudável, mas o passo seguinte deve ser a retificação, se possível, e seguirmos adiante. Jesus disse: “Vai e não peques mais.” Não incentivou o remorso improdutivo, mas sugeriu a correção de rumo, a iniciativa de mudar de vida.

“Não cultiva hipersensibilidade neurótica e, em consequência, se desliga com a maior facilidade de quaisquer influências perturbadoras, entrando, de maneira espontânea, no grande entendimento dos seres e das coisas, dentro do qual se faz tolerante e compassiva, afetuosa e desinteressada de recompensas para melhor compreender a vida e desfrutar-lhe os infinitos bens.”

Ser sensível ao Bem é uma virtude, porque estaremos captando tudo que conduz a Deus. Ser sensível ao Mal é sintonizar com ele, com graves prejuízos para nós próprios. Quando o autor espiritual fala em “hipersensibilidade

neurótica” estará querendo nos advertir contra o hábito do melindre, de guardar mágoas e outros sentimentos negativos.

Não assimilar qualquer influência perturbadora é um exercício que se deve praticar a todo momento: há muitas instigações ao desequilíbrio, mas devemos assumir uma postura interior adequada para que nenhum pensamento ou sentimento negativo se instale em nosso psiquismo e, assim, nossas atitudes serão sempre de “entendimento dos seres e das coisas”, sem julgamentos maliciosos ou rigoristas e sem análises negativas ou injustas.

A tolerância é uma das características dos Espíritos evoluídos: não julgam os outros. Jesus falou: “Eu a ninguém julgo.”

Ser compassivo é pacientar-se com os defeitos morais alheios, pois não nos compete ser seus juízes, uma vez que a própria Justiça Divina os analisa tanto quanto analisa a nós também.

Ser afetuoso traz felicidade para quem assim procede tanto quanto suaviza a vida dos que nos cercam.

Não pretender recompensas já é, em si própria, uma recompensa espiritual, em termos de tranquilidade.

Somente se compreende, verdadeiramente, a vida quando se procura conhecer a Verdade, que é representada na Terra, pela vida e pela exemplificação de Jesus.

Os “infinitos bens” da vida são perceptíveis pelos que já evoluíram muito. Quanto mais evoluirmos mais descobriremos esses bens, que estão dentro e fora de nós, à espera da nossa maior qualificação intelecto-moral.

7 – REFERÊNCIA DO LIVRO “LUZ EM GOTAS” SOBRE OBSESSÃO

Trata-se de uma obra de grande utilidade para quem procura subsídios para a autorreforma moral, psicografada por Gilberto Pontes de Andrade, em 1979, que está sendo publicada neste ano de 2.012 pela Editora AMCGuedes. Transcrevemos abaixo a mensagem referente à obsessão:

“OBSESSÃO

(Valério)

Obsessão é o estado de perturbação da alma.

Em toda parte e em todas as épocas, a obsessão foi e continua sendo um mal originário do Espírito.

Muitas vezes, a obsessão tem suas origens nas ações censuráveis, praticadas nesta mesma existência física. Porém, na maioria das vezes, resulta de violações da lei Divina praticadas em vidas passadas.

A obsessão pertinaz se mantém em virtude das contínuas vibrações odiosas, dirigidas pela antiga vítima na direção do seu ofensor de outros tempos – muitas vezes seguindo-a até por muitas encarnações seguidas.

Um dia, porém, chega o dia da libertação do obsidiado.

Por isso, devemos evitar as ações perversas ou imorais, uma vez que cada pensamento ou ação – com essas características inferiores – postos em movimento na direção de alguém, criam na mente do emissor uma indesejável herança sob a forma de perigosa toxina. E a vítima da ofensa grave, se não perdoar, retorna para junto do ofensor, procurando prejudicá-lo com suas emanções mentais doentias e produzindo, com isso, enfermidades sem cura – e até anormalidades mentais.

No dia em que se consegue reconciliar ofensor e ofendido, desfaz-se a infeliz simbiose entre ambos – que, muitas vezes, reúnem-se no mundo físico sob as vestes de parentes próximos, para aprenderem, na luta comum, o perdão e a Fraternidade.

Porém, para se chegar à cura do obsidiado, é necessário aplicar nele os recursos da terapia espiritual, da evangelização e o uso de passes magnéticos e água fluidificada. E, dependendo da boa qualidade do

tratamento e dos merecimentos do obsidiado e do obsessor, consegue-se a cura total ou parcial do processo.

Nesses tratamentos, a prece é o mais importante medicamento, pois consegue penetrar no psiquismo de ambos os necessitados, retirando de suas mentes os fluidos negativos acumulados – o que lhes facilita raciocinar e melhor compreender as palavras de Paz que lhes forem dirigidas.”

8 - ONDE O HOMEM TIVER O SEU TESOURO...

Jesus afirmou: “Onde o homem tiver o seu tesouro, aí estará o seu coração.”

“Tesouro” e “coração” merecem uma interpretação à luz da Doutrina Espírita, para que colhamos os proveitos mais amplos que a Lição do Divino Mestre pode conceder.

“Tesouro” representa nossas metas de vida, sendo realmente a mais importante o cumprimento dos nossos três deveres: Amor a Deus, Amor a nós próprios e Amor aos demais seres da Criação.

O Amor a Deus se traduz na gratidão e pensamentos de obediência que devemos nutrir em relação ao nosso verdadeiro Pai, que nos criou como seres simplérrimos, há cerca de dois bilhões de anos, com a destinação de evoluirmos através das sucessivas reencarnações, passando pelos Reinos Inferiores da Natureza até chegarmos à perfeição relativa a todos destinada.

O Amor a nós próprios representa, sobretudo, o investimento na superação dos nossos defeitos morais, que são o orgulho, o egoísmo e a vaidade, com a aquisição das respectivas virtudes da humildade, desapego e simplicidade.

O Amor ao próximo engloba o auxílio a todos os demais seres da Natureza, a fim de que também evoluam, rumo a Deus.

Outros “tesouros”, ou sejam, outras metas, são secundários em relação a esses e, na verdade, muitos “tesouros” são metais falsos, líquidos venenosos, miragens enganosas, paraísos ilusórios e pesadelos disfarçados de lindos sonhos.

Muitos vivem em função dos “tesouros” enganosos, principalmente se se concentram no orgulho, egoísmo e vaidade: perdem o tempo, sofrem desenganos, desviam-se da rota e contribuem para o sofrimento alheio.

É preciso autoanalisarmo-nos diariamente, antes de dormir, como aconselhava o Espírito Santo Agostinho, para verificarmos quais são realmente os nossos “tesouros”.

“Coração” representa os nossos pensamentos, sentimentos e atitudes.

De acordo com nossas metas de vida, estaremos pensando, sentindo e agindo no Bem ou no Mal, através da sintonia mental com aqueles que estão naquela faixa específica.

A questão da sintonia mental é muito bem explicada pela Doutrina Espírita, informando-nos que a todo momento optamos pela convivência psíquica com Espíritos bons ou maus, sábios ou ignorantes.

Emitimos ondas mentais de determinada qualidade ética e recebemos outras de idêntica qualificação. Não há como enganarmos a Lei da Afinidade nem a Lei de Causa e Efeito, que regulam esses fenômenos.

Se já conhecemos esse ponto do curso da nossa “alfabetização” espiritual, devemos proceder pelo pensamento, pelo sentimento e pelas ações conforme a lição aprendida.

Cabe-nos igualmente o dever de, por alguma forma, contribuir para informar os incientes dessa Lição sobre ela e sua importância na vida de cada um.

Deus, na Sua Sabedoria e Amor Infinitos, coloca as pessoas certas nos lugares certos e nos momentos certos, para todos aprendermos com os outros, trabalharmos em função uns dos outros e ninguém ficar sem os recursos mínimos necessários à sua própria evolução.

Conhecendo determinados princípios mais avançados, que a Doutrina do Consolador nos propicia, pensemos no Bem, sintamos no Bem e ajamos no Bem, para o nosso próprio bem e o daqueles que podem se beneficiar com a nossa evolução.

Que Deus nos abençoe e nos faça conscientes e úteis!

CONCLUSÕES

- 1) Enquanto não realizamos a autorreforma moral somos obsessores uns dos outros;**
- 2) Somente a aquisição das virtudes nos protege contra as investidas do Mal, que, nesse caso, se nos atinge, é com o assentimento dos nossos Orientadores Espirituais, visando nosso aprimoramento intelecto-moral.**

NOTAS

[1] Nabucodonosor II, Nebucadrezar ou Nebucadnezar (na ortografia babilônia Nabu - kudur - uzur, Nebo, proteja a coroa! ou Nebo, proteja as fronteiras!) foi o filho e sucessor de Nabopolassar, rei da Babilônia que libertou o reino da Assíria e destruiu Nínive.

Em uma inscrição, ele se chamava de o favorito de Nebo. Foi o mais poderoso rei da Babilônia.

Ele se casou com uma filha de Ciáxares, unificando as dinastias da Babilônia e da Média.

Após Neco II, faraó do Egito, haver derrotado os Assírios em Carquêmis, as províncias da Síria que estavam sob controle dos assírios passaram ao controle egípcio, enquanto que as demais províncias assírias foram divididas entre os medos e os babilônios; Nabopolassar, porém, pretendia conquistar a Síria, e lutou contra Neco, em Carquêmis, derrotou os egípcios, e conquistou a Síria e a Palestina.

Nabucodonosor também conquistou a Palestina, tomou Jerusalém, e levou cativos para a Babilônia vários judeus, inclusive o profeta Daniel. Em 598 a. C., após a revolta de Joaquim de Judá, que tinha o apoio do faraó Neco, Nabucodonosor o derrota. Nabucodonosor derrota os judeus uma terceira vez, e leva cativo o rei Jeconias de Judá em 597 a. C. Na última revolta, de Zedequias, Nabucodonosor arrasa Jerusalém (586 a. C.), fura os olhos de Zedequias e o deixa prisioneiro por toda a vida.

Nabucodonosor também lutou, no trigésimo ano de seu reinado, contra Amasis, faraó do Egito.

Ele reconstruiu e adornou a Babilônia com canais, aquedutos e reservatórios. De acordo com o Easton's Bible Dictionary, 9/10 dos tijolos das ruínas da Babilônia, e 19/20 das demais ruínas, contém o nome de Nabucodonosor inscrito nelas. Ele provavelmente construiu ou reformou toda cidade ou templo no seu país.

Ele reinou sobre o maior reino jamais visto na Terra, e tinha o título de "reis dos reis".

No final de sua vida, após haver punido os judeus, jogando-os na fornalha ardente, Nabucodonosor sofreu de uma doença mental, com sintomas parecidos com a licantria. Ele sobreviveu à loucura, e morreu em c. 562 a. C., aos oitenta e três ou oitenta e quatro anos de idade, após haver reinado por quarenta e três anos, e foi sucedido por seu filho Evil-Merodaque.

Seus sucessores tiveram reinados breves. Evil-Merodaque reinou por dois anos, foi sucedido por Neriglissar (559 - 555), este por Nabonadius (555 - 538) em cujo reinado a Babilônia foi conquistada por Ciro, o Grande.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Nabucodonosor_II)

[2] Saul (em hebraico שאול המלך, "Pedido a Deus") é o nome do primeiro rei do antigo reino de Israel, conforme a tradição judaico-cristã.

Filho de Quis, da tribo de Benjamin, Saul teria vivido por volta de 1095 a.C. e reinado por quarenta anos.

Antes de Saul, não se pode definir uma nação israelita. Tratava-se de diversas tribos unidas por laços étnicos e culturais, que se aliavam ou batalhavam entre si de acordo com a conveniência, e eram governadas por juizes, geralmente pessoas de renome que lideravam suas respectivas tribos em combates, e serviam como legisladores em tempo de paz. O elemento religioso judaico, com a crença no Deus único veio trazer uma frágil aliança entre estas tribos em torno do Tabernáculo e da Arca da aliança.

De acordo com o texto bíblico^[1], com o envelhecimento do último juiz Samuel, as tribos israelitas uniram-se para pedir um rei que pudesse guiá-los como havia nas outras nações. Apesar da oposição por parte de Samuel à proposta (já que Deus deveria ser o "único rei" de Israel), este acaba pedindo um sinal divino que lhe indica

o benjamita Saul como escolhido para governar o seu povo, apesar da oposição de alguns.

Saul, antes um líder guerreiro do que realmente um governante, não alterou quase nenhum dos padrões tribais que imperavam sobre Israel desde a época dos juízes. Saul contava com auxiliares próximos como seu filho Jônatas. No início de seu governo, os amonitas, comandado por Naas, iniciaram o cerco a cidade de Jabes. Saul convocou todo o reino de Israel e venceu os amonitas. Saul, então, entrou em guerra contra os filisteus. Como os hebreus não tinham o domínio da metalurgia, foram obrigados a lutar com equipamentos agrícolas. Saul e seu filho conseguiram importantes vitórias militares sobre os filisteus o que garantiu ao povo de Israel um período pacífico. Saul combateu Moabe, Edom, Soba e os amalequitas. Mas a constante ameaça dos filisteus, os desentendimentos entre as tribos e a imaturidade de Saul fadaram seu reinado ao fracasso. Saul em sua arrogância teria usurpado funções sacerdotais e violado as leis de Moisés quanto aos aspectos de guerra.

O juiz Samuel, vendo a decadência de Saul e inspirado por Deus acabaria por retirar seu apoio de Saul, e ungiu um jovem rapaz da tribo de Judá, Davi, para ocupar o lugar de Saul. Mesmo que este tenha conquistado um cargo na corte de Saul, e desposado Mical, a filha de Saul, Davi tornou-se objeto de inveja por parte de seu sogro. Davi havia liderado destacamentos contra os filisteus, e seu sucesso em combate e adulação por parte do povo, despertaram os ciúmes do governante. Davi é obrigado a fugir.

Cometeu suicídio se jogando sobre a própria espada ao ver o seu filho Jônatas (e também a quem queria como seu sucessor no trono de Israel) sendo ferido e morto pela espada dos filisteus durante a Tragédia do Monte Gilboa.

([http://pt.wikipedia.org/wiki/Saul_\(rei\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Saul_(rei)))

[3] David ou Davi (em hebraico: דוד, literalmente "querido", "amado"; no hebraico moderno Dávid, no hebraico tiberiano Dāwid; em árabe: داود) Davi foi o maior rei de Israel, um grande e importante homem tendo muitas glórias e dons na sua vida, como o dom da música, da poesia e dos salmos, que o levou a fazer o maior livro bíblico, o Livro de Salmos.

O célebre arqueólogo americano Edwin Thiele estabeleceu sua data de nascimento por volta de 1040 a. C., e sua morte em 970 a. C., tendo reinado sobre Judá de 1010 a 1003 a. C., e sobre o reino unificado de Israel de 1003 a 970 a. C. Os livros bíblicos de Samuel, I Reis e I Crônicas são a única fonte de informação disponível sobre sua vida e seu reinado, embora a estela de Tel Dan registre a existência, em meados do século IX a. C., de uma dinastia real judaica chamada de "Casa de David".

A vida de David é particularmente importante para a cultura judaica, cristã e islâmica. No judaísmo David, ou Melekh David ("Rei Davi"), é o Rei de Israel e do povo judaico; um descendente direto seu será o Mashiach, o Messias judaico. No cristianismo David é mencionado como um ancestral do pai adotivo de Jesus, José, e no islamismo é conhecido como Daud, um profeta e rei de uma nação. Filho de Jessé, da tribo de Judá, teria nascido na cidade de Belém e se destacou na luta dos israelitas contra os filisteus. Tornou-se rei, sucedendo a Saul e conquistou Jerusalém, que transformou em capital do Reino Unido de Israel.

Seu nome é citado 1.139 vezes na Bíblia.

Israel, é relativamente difícil questionar a existência histórica de Davi. Embora não existam inscrições contemporâneas que façam referência ao rei, textos não muito posteriores achados na Palestina parecem mencionar seu nome. Um desses artefatos é a chamada estela de Tel Dan, descoberta ao norte da Galileia. A estela traz um texto aramaico com a possível menção mais antiga ao nome de Davi fora da Bíblia Também foram descobertas minas de cobre na Jordânia que podem ser uma indicação da existência do personagem bíblico Salomão, filho e sucessor do rei Davi.

David viveu algures à volta de 1050 a. C., foi o segundo rei de Israel sucedendo a Saul (sua história é relatada em detalhes

nos livros de I e II Samuel). Foi um rei popular e o homem do Antigo Testamento que mais vezes é mencionado na Bíblia. Caçula, ele foi o oitavo filho de Jessé, um habitante de Belém. O seu pai parece ter sido um homem de situação modesta. O nome da sua mãe não se encontra registrado, mas costuma-se atribuir a ela o nome de Nahash. Quanto à sua aparência pessoal, se sabe apenas que tinha cabelos ruivos, formoso semblante e gentil aparência.

Na narrativa bíblica, ele é descrito inicialmente como tocador de harpa na corte de Saul e ganha notoriedade ao matar em combate o gigante guerreiro filisteu Golias, ganhando o direito de se casar com a filha do rei Saul, além da isenção de impostos. Depois da morte de Saul, Davi governou a tribo de Judá, enquanto o filho de Saul, Isboset, governou o resto de Israel. Com a morte de Isboset, Davi foi escolhido o rei de toda Israel e seu reinado marcou uma mudança na realidade dos judeus: de uma confederação de tribos, transformou-se em uma nação estabelecida. Ele transferiu a capital de Hebron para Jerusalém, após conquistá-la, pois esta não tinha nenhuma lealdade tribal anterior, e tornou-a o centro religioso dos israelitas, trazendo consigo a Arca da Aliança.

Expandiu os territórios sobre os quais governou e trouxe prosperidade a Israel. Seus últimos anos foram abalados por rebeliões lideradas por seus filhos e rivalidades familiares na corte.

Foi concedido por Deus, de acordo com a Bíblia, que a monarquia israelita e judaica iria certamente vir da sua linha de descendentes. O Judaísmo Ortodoxo acredita que o Messias será um descendente do Rei David. O Novo Testamento qualifica Jesus como seu legítimo descendente: quer por uma descendência legal – era filho adotivo de José, o Carpinteiro, da tribo de Davi – quer por descendência sangüínea, já que era filho de Maria que, assim como o marido, fora recensear-se em Belém, terra de seu ancestral.

Foi sagrado rei pelo profeta Samuel ainda durante o reinado de Saul, causando ciúmes de sua parte. Por isto, David se exilou por um tempo (evitando uma rebelião contra o rei, pois confiava em Deus, e não tinha o direito de tocar no ungido do Senhor).

Foi durante seu reinado que Jerusalém foi capturada dos jebuseus, tornando-se capital do reino de Israel.

A Davi são atribuídos diversos salmos da Bíblia. Alega-se, contudo, que se trate de pseudoepígrafe (uma falsa assinatura). Muitos salmos são historicamente datados após a morte de Davi.

Deus havia ordenado por meio de Samuel que Saul destruísse completamente o povo amalequita por haverem atacado o povo de Israel durante o período do êxodo do Egito, no entanto Saul não destruiu o melhor dos despojos e o próprio rei Amalequita Agague. Por essa desobediência Samuel profetizou que Saul não seria mais o rei de Israel.

Samuel, instruído por Deus vai secretamente até a casa de Jessé para ungir um novo rei para Israel. Apesar de David ser o mais novo de seus sete irmãos ele foi o escolhido por Deus para ser ungido. A bíblia relata que nessa época um "mau espírito" atormentava Saul e seus servos buscaram alguém que soubesse tocar lira para que Saul se acalmasse. Saul se afeiçoou por David e fez dele seu escudeiro. Mais tarde quando o exército filisteu se reuniu para enfrentar os israelitas, um gigante chamado Golias desafiou o exército israelita a enviar um homem para enfrentá-lo, no entanto, os israelitas tiveram medo do gigante. David, indignando-se da vergonha que Golias trazia a Deus e a todo exército de Israel com suas palavras, decidiu enfrentá-lo. Saul ofereceu sua armadura para David, no entanto ele recusou por não ser treinado no combate com armadura e ser de pequena estatura em comparação à armadura (a Bíblia relata que Saul era particularmente alto dizendo que seus ombros sobressaíam acima do resto do povo), então Davi enfrentou Golias munido apenas de uma funda e algumas pedras. Logo no começo da batalha Davi acertou-lhe a testa com uma pedrada e, caindo Golias, arrancou-lhe a cabeça com sua própria espada.

Após a vitória David foi colocado como líder de um grupo de soldados e tornou-se o melhor amigo de Jônatas, filho de Saul. Algumas passagens Bíblicas falam da grande amizade que havia entre Davi e Jônatas. Como no caso da Declaração de Davi, para a Morte de Jônatas, onde Davi afirma: "Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; quão amabilíssimo me eras!"

Mais maravilhoso me era o teu amor do que o amor das mulheres." 2 Samuel 1:26

Sendo David bem sucedido em todas suas missões e ganhando fama entre o povo, o rei Saul passou a invejá-lo e temeu perder o poder para David. A partir daí Saul tentou por inúmeras vezes matar David, o qual fugiu para salvar-se. Percebe-se nitidamente na narrativa bíblica que David sempre respeitou a unção de Saul como rei.

David fugiu para o deserto, e começaram a reunir em torno de si, todos os indesejáveis da época, a Bíblia fala que ladrões e assassinos começaram a procurá-lo, formando um pequeno contingente bélico, o qual o ajudava a se defender das investidas tanto do rei Saul, quanto de outros povos. Quando rei Saul morreu David governou a tribo de Judá. E Isboset, filho de Saul, governou o restante de Israel. Quando Isboset morreu David foi escolhido por Deus para governar a toda Israel. Ele foi um homem usado por Deus e fez muitas mudanças a Israel.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/David>)